

Editores da Coluna Opinião

23-06-2022

(aprendendo)

Direitos Humanos com DONA PUREZA



"Passava de cinco a seis dias sem comer, enfezada como boi brabo.

Mas passaria por cima das leis do Brasil e do inferno por causa do meu filho"

Pureza Lopes Loyola, 75 anos, Oleira aposentada,

em sua saga determinada, corajosa e solidária foi decisiva na guinada das ações de combate ao trabalho escravo contemporâneo.

Dona Pureza, em sua simplicidade sagaz, nos ensina DIREITOS HUMANOS!

Na inquietude ingênua da juventude, no início dos anos 1990, Antônio Abel Lopes Loyola construía sonhos enquanto produzia tijolos com sua mãe, Dona Pureza. Sonhava trilhar os veios de ouro de seu tio (que nunca voltou) no garimpo em Itaituba/Sudoeste do Pará. Nas *catas*, como nos Sonhos de Pedra (Gonçalves, 2021), sabemos que *bamburrar* alimenta ilusões, estas impiedosamente exploradas pelos aliciadores (*gatos*) de trabalhadores escravos. Abel teve mesmo uma "virada na vida", quando Dona Pureza, após três anos de peregrinação, o encontrou como escravo numa fazenda do Mato Grosso. A luta pela vida de Dona Pureza inicia-se em 1947 em Presidente Juscelino/MA. Migra nos anos 1960-70 com marido e três filhos (depois outros dois) para Bacabal/MA, onde a família trabalhava numa olaria, e aprende a ler aos 40 anos para conhecer a Bíblia. Bacabal é um município, como muitos outros, enraizado no trabalho escravo de africanos e indígenas, explorados pelo coronelato. Situado na região central do Maranhão (Médio Mearim), dista 240 km de São Luiz e abriga ainda hoje a família de Dona Pureza.

Após um mês sem notícias de Abel, Dona Pureza rumou de ônibus de Bacabal/MA a Itaituba/PA (1.644 km), também enraizado na escravidão. Chegando, soube que o 'ouro' que ali restara era a imensidão da floresta e o trabalho que interessava ao *Brazil*¹ era o escravo no desmate para pastagem. Enquanto esperava para falar com o gato, ágil e perspicaz, agarrou a oportuna falta da esperada cozinheira, para se oferecer ao trabalho escravo com vistas a palmilhar o terreno inimigo e tentar encontrar seu filho. Cozinhava para os jagunços e, mesmo proibida, dava um jeito de alimentar e proteger os peões, que só tinham 'direito' a trabalhar sob chicote (verbal e físico) e fazer dívidas na venda do patrão com alimentos, ferramentas de trabalho, roupas e, vez por outra, com mulheres, estas também submetidas aos gatos... Foi defendendo uma mulher, que apanhava de um aliciador, que Pureza conseguiu abrigo, informações sobre o esquema da escravidão por dívidas e a indicação de um pároco que poderia ajudá-la... A sabedoria de Dona Pureza a guiava nos passos dos Direitos Humanos. Enfrentou trabalho pesado, escravo, capatazes, jagunços... E desafiou poderosos!

Atenta às conversas por rádio transmissor entre as fazendas do patrão-escravagista, e juntando pecinhas num quebra-cabeças de informações, passou a suspeitar que seu menino estaria em uma delas. Escapou então, voltou a procurar o pároco, que a ajudara anos antes, e juntos foram à Comissão Pastoral da Terra que contactou o Ministério do Trabalho. De início, muito resistente, foi convencida por uma auditora fiscal do trabalho, empenhada na criação de um grupo móvel de fiscalização, a contar sua história a um senador 'alinhado' à proposta em Brasília. A perspicácia, fortalecida pela luta que travava, lhe acorreu e ouviu o tal senador fazer contato com o senhor de escravos de onde havia escapado... Comunicou à agente o que ouvira e decidiram ampliar alianças para a criação do grupo móvel e partir em busca de Abel e outros escravizados. Reuniões e mais reuniões... onde invariavelmente os opositores e sabotadores venciam e protelavam a ação. Angustada pelo que estaria acontecendo a seu filho e saturada com o descaso e descrédito dos opressores no poder, denunciou convívios entre parlamentares e latifundiários, escreveu cartas a presidentes da República, não sossegava... até que, em resposta à sua garra, coragem e afeto, o "Grupo Especial Móvel de Fiscalização do Trabalho Escravo (GEMFTE)" foi criado.

Pureza acompanhava as inspeções e continuava a investigar indícios do paradeiro de seu caçula. Abel Loyola, ouvindo o rádio, soube da saga da mãe, num garimpo em Mato Grosso em que era escravizado. O GEMFTE (com auditores fiscais do trabalho, policiais federais e procuradores do trabalho), entre 1995 e 2021, libertou mais de 57 mil trabalhadores em condições análogas à escravidão ([veja](#)). Pureza, em 1997, foi reconhecida com o Prêmio da Internacional Anti-Escravidão, "a mais antiga organização de combate ao trabalho escravo em atividade no mundo".

Dona Pureza - *do Brasil SOS ao Brasil*¹ - mobilizou o mundo no combate ao trabalho análogo à escravidão na década de 1990. Conheceu o pior do Brasil explorado pelo *Brazil*. O *Brazil* que nunca foi ao Brasil tem atualmente a oportunidade de assistir sua história em filme (Pureza, Renato Barbieri, 2019)². Pureza Lopes Loyola, manda muito bem seu recado:

"O filme vai ser bom para despertar todo o mundo.

Vai ser um 'despertamento' muito grande."

"Até hoje, tem gente que duvida das coisas porque não viu e não foi lá."

"a esperança [...] reinava, mais do que eu:

na minha mente, parecia que eu estava vendo meu filho perto de mim."

"Fui para Brasília perder meu tempo, gastei meu dinheiro

e me estressei demais, ninguém fez nada."

"Minha vida foi dura, mas venci tudo o que apareceu."

Dona Pureza, sua luta pelos DIREITOS HUMANOS será um "despertamento"!

**O trabalho escravo, em qualquer de suas formas
e presente nas cadeias produtivas mundo afora,
envergonha a humanidade e precisa ser erradicado.**

Notas: 1. Referência à "Querelas do Brasil" (Aldir Blanc, Maurício Tapajós, 1978. Interpretada por Elis Regina).

2. A estreia foi adiada devido à pandemia e está agora em cartaz. Dona Pureza, que acompanha a turnê de estreia, tem sido ovacionada. O filme e a atriz Dira Paes, no papel de Dona Pureza, já conquistaram diversas premiações.

3. Leão LHC e Vasconcellos LCF. Cadeias produtivas e a vigilância em saúde..... *Saúde e Sociedade*, v.24, n.4, p.1232-43. 2015.

OBS. Os textos expressam a opinião de seus autores, não necessariamente coincidente com a dos coordenadores do Blog e dos participantes do Fórum Intersindical. A cada reunião ordinária, os textos da Coluna Opinião do mês são debatidos, suscitando divergências e provocando reflexões, na perspectiva de uma arena democrática, criativa e coletiva de encontros de ideias em prol da saúde dos trabalhadores.